



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**O PRAZER DE APRENDER BRINCANDO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARIZETE RODRIGUES DA SILVA

GUARABIRA – PB

2012

MARIZETE RODRIGUES DA SILVA

**O PRAZER DE APRENDER BRINCANDO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia

Orientadora: Prof^ª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S867p

Silva, Marizete Rodrigues da

O prazer de aprender brincando na educação infantil /
Marizete Rodrigues da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

25f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de
Oliveira”.

1. Brincar 2. Educação Infantil 3. Aprendizagem
I. Título.

22.ed. CDD 372.5

MARIZETE RODRIGUES DA SILVA

O PRAZER DE APRENDER BRINCANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aprovada em 15 de junho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

(Orientadora)

José Otávio da Silva

Prof^o MS. José Otávio da Silva

(Examinador)

Silvânia Lúcia de Araújo Silva

Prof^a. Ms. Silvânia Lúcia de Araújo Silva

(Examinadora)

GUARABIRA – PB

2012

À...

Deus que nos dá saúde e perseverança para concluir estas observações, a fim de contribuir em nossa profissão de educadoras e pesquisadoras. Dedico.

AGRADECIMENTOS

O período que vivenciei nesta instituição me possibilitou construir vínculos afetivos e aprendizagens necessárias para o meu crescimento pessoal, intelectual e social. Durante essa trajetória tive a oportunidade de conviver com educadores e colegas que muito me ajudaram em minha formação.

De modo especial, agradeço aos educadores Rosângela Medeiros, Aurília Coutinho e Héliida Alcântara, que abordaram, em suas aulas a importância do Brincar; uma modalidade antes desvalorizada no meio educacional.

Sendo assim, gostaria de agradecer à minha família pelo apoio durante essa longa jornada de 5anos na buscar e no eterno aprender enquanto educadora.

À minha orientadora, Mônica de Fátima Guedes, que tanto contribuiu na construção deste trabalho.

A todos os professores que trilharam o meu caminho.

A todos os colegas de sala pela oportunidade de conhecê-los e construir um novo EU.

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Drummond

RESUMO

Este artigo trata do brincar no cotidiano da criança, evidenciando-o como uma atividade que favorece o desenvolvimento cognitivo, físico e social da criança. Para uma melhor compreensão do brincar na vida da criança foi realizada uma pesquisa de campo na Creche. Baseado em uma pesquisa qualitativa utilizamos como instrumento: entrevistas para coleta de informações sobre o corpo docente e discente, observações presenciais e oficinas. Desse modo, este artigo está dividido em quatro partes em que abordamos, no primeiro capítulo, o conceito de Infância e sua trajetória histórica, respaldando-nos teoricamente com Broering, Moyles e Oliveira. No segundo capítulo, refletimos sobre a importância do Brincar, os tipos do brincar, brinquedos e brincadeiras, como uma atividade que contribui para o desenvolvimento da criança. No terceiro capítulo, apresentaremos a metodologia deste artigo. Para finalizar, no quarto capítulo, abordamos as nossas vivências na escola campo. E como resultados, verificamos que a creche possui dificuldades na área físicas e nos aspectos pedagógicos.

Palavras-chave: Brincar. Jogos. Brincadeiras. Aprendizagem e Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article discusses the play in the daily life of the child, because it shows the play as an activity that promotes the cognitive, physical and social development. For a better understanding of play in child's life was made a research on the school field (nursery). Based on qualitative research methods as used: interviews to collect information about the faculty and students, classroom observations and workshops. Thus, this article is divided into four parts in the first chapter where we discuss the concept of childhood and its historical trajectory, with the backing theoretically Broering, Moyles and Oliveira. In the second chapter, we reflect on the importance of Play, the types of play, toys and games as an activity that contributes to the development of the child. Finally, the third chapter we discuss our experiences in the school field. And as a result we find that the nursery has difficulties in the physical and educational aspects.

Keywords: Play, Games, Playing, Learning And Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. INFÂNCIA: UM CONCEITO HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO	10
2. O BRINCAR	12
2.1 Os tipos do brincar.....	14
2.2 Brinquedos e brincadeiras.....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLOGIA	18
4. AS VIVÊNCIAS NA CRECHE	18.
4.1 Conhecendo o espaço da creche – entrevista	20
4.2 O relato da experiência na creche: oficinas com a monitora.....	22
4.3 Construindo referências: relato das oficinas com as crianças.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o brincar como uma atividade que contribui para o desenvolvimento da criança, cujo objetivo é analisar e compreender que o brincar é uma prática que faz parte do viver da criança e que favorece a construção de habilidades e capacidades importantes para a formação da mesma.

O despertar do interesse da pesquisa nessa temática foi a partir do estágio na Creche em cumprimento à disciplina curricular Estágio I, na área de educação infantil, no curso de Pedagogia da UEPB, ao observarmos que a prática do brincar não era uma atividade privilegiada pelos monitores da Creche.

Segundo Vygotsky (1971), a criança vivencia a experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é, na realidade, fator de grande importância no seu desenvolvimento. Brincando a criança elabora hipóteses para a resolução dos problemas e toma atitudes além do comportamento habitual de sua idade. Do mesmo modo, a teoria de Piaget (1951), para a prática da educação infantil merece destaque porque defende alguns princípios básicos que a orientam, enfocando a importância da ação, do simbolismo, da atividade de grupo, da integração das áreas do conhecimento, tendo como eixo central as atividades.

Desse modo, assim como é importante para a criança passar por alguns processos para o seu desenvolvimento, compreende-se que também é necessário beber de várias fontes teóricas para entender com mais propriedade os complexos aspectos pelos quais passam as crianças e os professores que atuam como coadjuvantes neste processo de crescimento.

As atividades corporais realizadas no ambiente escolar evidenciam expressões espontâneas. Nesse sentido, as atividades físicas surgem como uma forma natural da criança transformar o próprio movimento numa ação curricular. É observando a sociologia e seus conceitos que podemos entender o processo de desigualdade e compreender melhor o desenrolar da sociedade. No campo da sociologia, para Bourdieu, o ambiente escolar é espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. É, nesse sentido, que o olhar observador do professor pode fazer a diferença para articular o que é necessário e o que desnecessário na educação. Nesse modo, o brincar torna-se essencial na vida da criança, pois, o ato de brincar vem favorecer o desenvolvimento de capacidades inerentes às crianças por estimular várias capacidades necessárias para o seu crescimento pessoal, intelectual e social da criança.

De acordo com o RCNEI (1998) – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, o ato de brincar vem sendo expresso em vários dos seus eixos afim de garantir o direito do brincar como forma de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil, contribuindo na efetivação do ensino e da aprendizagem.

É nesse sentido, que as experiências que venham ser vivenciadas pelas crianças, sejam elas espontâneas ou dirigidas, façam parte do seu universo, a fim de tornar prazerosos e atraentes as atividades exercidas por elas no ambiente escolar.

Entretanto, na prática, temos observado que as propostas de educação infantil dividem-se entre as que reproduzem as referências e os modelos da escola elementar, com ênfase na alfabetização da linguagem escrita e na matemática (antecipação – em miniatura - das práticas de escolarização do ensino fundamental), e as que partem do princípio de que a infância é um tempo de constituição do ser a partir da ampliação das referências com e no mundo; a partir da integralidade do desenvolvimento das diferentes formas de ser e estar no mundo; a partir da brincadeira como princípio de conhecimento sobre o mundo circundante e sobre si mesmo, sobre as coisas e os seres. Ou seja, escolas para crianças pequenas que se constituem em espaços de imitação do mundo dos adultos, ou de desenvolvimento de diferentes experiências entre pessoas, a partir de diferentes linguagens, indo muito além das linguagens escritas.

Portanto, criar um universo educativo que envolvam ambiente escolar e práticas educativas lúdicas devem fazer parte do projeto pessoal, social e escolar de cada instituição de ensino para crianças pequenas, de maneira que o brincar faça parte da ação pedagógica.

1. INFÂNCIA: UM CONCEITO HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO

O indivíduo no seu processo de desenvolvimento humano, passa por etapas que fazem parte de seu ciclo vital, como nascer, crescer e desenvolver-se. Entretanto, entender que cada etapa da vida do indivíduo é importante para o desenvolvimento integral de cada ser humano e esta é uma concepção que vem sendo construída historicamente, sobretudo, no que concerne ao entendimento de infância numa dicotomia de concepções existentes até hoje nesta fase.

Dentro do contexto histórico, a literatura afirma que a criança era vista como um ser incompleto e inacabado embora gracioso e inocente. Segundo Ariès (1978), o sentimento de infância não significa o mesmo que afeições pelas crianças. Corresponde à consciência da

particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto. Portanto, um conceito que independe da cultura, raça, cor ou classe social, visto que tal concepção mostra um conceito inerente às particularidades de cada indivíduo. Entretanto, esta visão atenciosa as características particulares da criança vem apresentar-se não por um entendimento do universo infantil, mas, sim, por uma necessidade de atender a uma mudança estrutural da sociedade em fase de crescimento. Nesse sentido, Kramer (2003) afirma que:

...a idéia de infância (...) aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa de, ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (p.19)

Assim, após o entendimento social acerca da infância, vários pesquisadores como Piaget, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel, Vygotsk, Wallom e outros, embora divergindo em alguns pontos e focos diferentes, começaram a pesquisar o processo de desenvolvimento infantil e chegaram à conclusão reconheceram que as crianças possuíam características diferentes dos adultos, com necessidades próprias (OLIVEIRA, 2002).

É a partir dessas concepções e do contexto de divergências sociais que surgiu a necessidade de se criar condições que suprissem a carência da sociedade. Nas Idades Média e Moderna, as “rodas” (cilindros ocos de madeira, giratórios), construídos em muros de igrejas ou hospitais de caridade, onde as crianças deixadas eram recolhidas. Dentro dessa perspectiva, fica evidenciado nas palavras de Oliveira que:

[...] as idéias de abandono, pobreza, culpa e caridade impregnam, assim, as formas precárias de atendimento a menores nesse período e vão permear determinadas concepções a cerca do que é uma instituição que cuida da Educação Infantil, acentuando o lado negativo do atendimento fora da família. (2002, p.59)

Todos esses paradigmas giram em torno da intensificação da urbanização, mudanças na organização da família e da sociedade, principalmente, com a participação da mulher no mercado de trabalho. A união desses fatores desencadeou uma ação de caráter assistencialista para suprir uma necessidade não apenas do cuidado das crianças pequenas, mas também de uma ação anti-marginal.

Desse modo, a creche foi por muito tempo vista como um lugar seguro onde os pais podiam deixar suas crianças para poder trabalhar tranquilos. Porém, com o crescimento da

população e o desenvolvimento globalizado, o Brasil, vários movimentos da sociedade civil e de órgãos governamentais, engajou-se numa luta para o reconhecimento, ou melhor, uma lei que atendesse às crianças de zero a seis, não só em seu caráter assistencialista, mas também educativo. A partir da Constituição de 1988, o reconhecimento garantido da reivindicação da sociedade civil torna-se soberano em todos os aspectos como uma Lei irrevogável. Assim define o artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Mais tarde, uma nova lei veio expandir os direitos as crianças expressos na Constituição de 1988. O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA de 13 de julho de 1990 sobre a LEI Nº 8.069, vem dispor de mecanismo para a proteção aos direitos garantidos na Lei Maior. Assim como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei Nº 9394, promulgada em dezembro de 1996, que estabeleceu um vínculo com a educação de base com recursos garantidos pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC. Antes de promulgada a LDB, os recursos e o acompanhamento das creches eram de responsabilidade da Assistência Social do Governo Federal. Porém, o documento que serve de embasamento pedagógico e que, na atualidade, vem garantindo que o direito a educação seja diferenciada e de qualidade nas suas específicas fases é o RECNEI/1998 – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, por se tratar de observar a educação infantil como uma fase única e diferenciada, e, portanto, mais particular.

2. O BRINCAR

Alguns autores como Piaget (1951) e Smilansky (1968), dentre outros, afirmam que, ao brincar, a criança desenvolve diversas habilidades e capacidades que lhes são necessárias para vida. Conforme Smith (2006),

Grande parte do brincar da criança pré-escolar será simbólica. As crianças fingem que uma ação ou um objeto tem um significado diferente do seu significado usual na vida real; por exemplo, se uma criança gira os braços, diz “biiii-biiii” e distribuem pedacinhos de papel, ela está fingindo que está dirigindo um ônibus, buzinando e distribuindo as passagens. Se essas ações estiverem suficientemente integradas, podemos dizer que a criança está

dramatizando ou desempenhando um papel (no caso, fingindo ser um motorista de ônibus). (SMITTH, 2006. p.26)

Nesse sentido, concordamos com o autor, quando ele afirma que o brincar é necessário para a formação da criança. Assim, fica evidenciado também que o brincar é tão importante para a criança quanto trabalhar é para um adulto. Cabendo ao professor criar um ambiente propício onde às crianças desenvolvam suas brincadeiras, sejam elas livres e/ou espontânea ou mesmo conduzida por um adulto.

O brincar é indispensável para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual e social da criança, pois, é a partir desta atividade que ela constrói vínculos de amizade, expõe suas emoções e sentimentos mais profundos que em outras situações ela esconde. Muitos autores como Isaacs, 1939; Schiller, 1959; Des,1967, entre outros, declaram a importância do brincar como: “O brincar é o principal meio de aprendizagem da criança... A criança, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamentos, causais, o poder de discriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sistematizar, de imaginar e formular”. (DES, 1967, p.523)

Nesse sentido, o brincar favorece a construção da aprendizagem da criança tanto no que diz respeito a leitura e a escrita como na formação da personalidade da criança, isso pode ser visto na prática quando observamos uma criança que mora numa cidade pequena e que tem a liberdade de brincar na rua com seus colegas, pois, ela apresenta comportamentos ágeis, raciocina com rapidez, tem facilidade de resolver seus próprios conflitos, desenvolve habilidades de liderança, respeita regra de convívio e aprende a ganhar e a perder. Diferentemente de uma criança que mora convive com crianças de uma cidade grande, que apresenta um comportamento de insegurança com relação aos pares.

Compreender tais atitudes e habilidades inerentes ao desenvolvimento da criança são atitudes indispensáveis para a formação da criança, enquanto futuros cidadãos em pleno desenvolvimento.

Outro aspecto relevante ao brincar, é aquele que desenvolve no ambiente escolar, por se tratar de uma ação dirigida ao desenvolvimento de habilidades relevantes ao processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais prazeroso e atrativo. É muito comum, ao observamos as salas de aulas de creches, relatos dos educadores afirmando que as crianças desenvolvem melhor suas atividades quando o ensino e a aprendizagem estão unidos aos recursos lúdicos, visto que a assimilação dos conteúdos educativos dar-se-ão mais facilmente através do tocar e

sentir do que apenas memorizar o que lhe foi exposto oralmente. Nesse sentido, os jogos e as brincadeiras proporcionam uma integração entre o conteúdo trabalhado e a criança, conduzindo-os para a construção de seus próprios conceitos e desenvolvendo capacidades e habilidades favoráveis para sua vida.

Desse modo, a importância da brincadeira não só favorece à criação e recriação do conteúdo ensinado pelo professor, como também renova as possibilidades de rever o ambiente escolar como uma proposta de interação com o entorno escolar. É nesse sentido que Moyles, (2006, p. 27), afirma que “o brincar capacita as crianças a controlarem a atividade em que estão envolvidas”.

Nesse sentido, o brincar é fundamental na formação da criança, pois, favorece o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, que são necessárias para o seu convívio na família, escola e sociedade, visto que tanto a família como a escola devem preparar a criança para a vida em sociedade, ou seja, responsabilizar-se na transmissão de conceitos que favoreçam o seu crescimento enquanto ser em pleno desenvolvimento.

2.1 OS TIPOS DO BRINCAR

O brincar é uma atividade fascinante no cotidiano da criança, quer seja nas brincadeiras do faz de conta, de dramatizações como projeção ao mundo dos adultos, quer seja o brincar com palavras e ou convenções verbais. É, nesse sentido, que as brincadeiras e suas faces remetem aos indivíduos rotulados como “crianças”, por serem sujeitos sociais e históricos, marcados pelas contradições das sociedades em que estão inseridos elementos inerentes a esta fase da vida humana.

Elas produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem, ou seja, em seu espaço e de seu tempo. Por isso, não formam uma comunidade isolada, mas fazem parte de um grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento (KRAMER, 2007).

Desse modo, podemos destacar vários tipos do brincar, todos eles relevantemente necessários ao desenvolvimento da criança, pois, é nesse período considerado “infantil” que tem início dos seis meses aos sete anos de idade que a criança utiliza o brincar prático, simbólico e os jogos com regras. Entretanto, toda a fase pela qual a criança passa e que se sente atraída pela brincadeira tem início aos a partir dos seis meses de idade.

Com relação ao brincar prático dos seis meses aos dois anos, as crianças brincam explorando os objetos que estão ao seu redor a fim de descobrir o seu universo (PIAGET, 1951, apud MOYLES, p. 25). Constatamos na prática essa afirmação, quando distribuímos os jogos para as crianças e observamos a forma como manuseavam os objetos para tentarem encaixá-los, mostrando toda a sua criatividade e curiosidade, descobrindo o universo que o cerca.

Do mesmo modo, o brincar espontâneo também estimula a curiosidade dando oportunidade de escolher suas próprias brincadeiras, desenvolvendo a autonomia frente ao grupo, liderança e outros aspectos, bem como a socialização e a construção de vínculos de amizade. Nesse sentido, Santos (2008), compartilha dessa visão quando mostra as fases pela quais cada criança passa em seu processo de desenvolvimento.

Toda criança vive agitada e em intenso processo de desenvolvimento corporal e mental. Nesse desenvolvimento se expressa à própria natureza da evolução e esta exige a cada instante uma nova função e a exploração de nova habilidade. Essas funções e essas novas habilidades, ao entrarem em ação, impelem a criança a buscar um tipo de atividade que lhe permita manifestar-se de formas mais completa (SANTOS, 2008,p.38).

Conforme a autora, é de grande importância criar condições para que a criança possa realizar suas brincadeiras. Nesse sentido, comparando esse posicionamento da autora com a realidade da creche, pudemos observar que ela não vem atendendo às necessidades dessas crianças, visto que, o espaço utilizado não oferece condições para jogos ou brincadeiras, assim como não dispõe de recursos lúdicos.

Outro tipo do brincar citado por Piaget (apud Moyles, 1951, p. 25), é o brincar simbólico, que abrange o brincar do faz de conta, de fantasia e o sócio dramático, numa faixa etária dos 2 anos aos 6 anos de idade. Nesse tipo do brincar, a criança assume uma postura de representação, fingindo que os objetos têm um significado diferente do que é na realidade. Por exemplo, uma criança ao brincar com sua boneca preferida finge que é sua filhinha, demonstrando atitudes de um adulto para com uma criança. Desse modo, fica evidenciado a representação do desejo da criança em viver o mundo dos adultos nas suas brincadeira.

No brincar sócio dramático, as brincadeiras são coletivas as crianças socializam suas habilidades de viver e ver o mundo que as rodeiam, visto que desenvolvem representações do cotidiano dos adultos, a fim de dramatizar os fatos que as cercam, ou seja, os acontecimentos

da escola, da família e do lugar onde moram tornam-se possibilidades de realização de suas brincadeiras em seu mundo imaginário e de realização construtiva em suas brincadeiras.

Desse modo, tipos do brincar sempre passaram por modificações, como o que apresenta Smilansky (apud Moyles, 1968, p. 25), onde ele apresenta outra face do brincar: o brincar construtivo. Nessa modalidade, os objetos são manipulados a fim de conduzir uma ação, para desenvolver o cognitivo da criança e de criar possibilidades de elevação do seu cognitivo, diferentemente da ideia de Piaget, onde o brincar era uma atividade inerente da criança, pois mesmo que não houvesse a ação de um adulto o brincar aconteceria, embora não de cunho educacional.

Assim, alguns tipos do brincar não se ajustam aos esquemas nem de Piaget, nem tampouco aos de Smilansky. Takhavar e Smith (apud Moyles, 1990, p. 26) apresentam outra modalidade do brincar, o brincar de atividade física, como: correr, subir em árvores, pular, escorregar, balançar-se, e outros que envolvam a força e a musculatura e o brincar turbulento, como brincar de brigar, lutar e perseguir, esse último muito presente nos dias atuais.

Essa modalidade do brincar não se enquadra nem no brincar construtivo nem no brincar simbólico, pois, essas brincadeiras não são bem vistas pelos psicólogos e educadores, já que desenvolvem na criança atitudes de agressividade e desrespeito diante do grupo. Embora, autores como Moyles (2002, p. 26), afirmem sobre a importância do brincar em todas as suas formas como “Um comportamento do brincar é uma maneira útil da criança adquirir habilidades e desenvolvimento: sociais, intelectuais, criativas e físicas.”

Desse modo, o brincar sociodramático e o brincar simbólico são mais privilegiados pelos psicólogos e educados, por desenvolver na criança atitudes de socialização e troca de saberes.

2.2 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Os brinquedos são objetos usados pelas crianças em suas brincadeiras. Eles influenciam positivamente na interação entre as crianças, na forma como são utilizados e como brincam entre si.

Dentre vários autores, Vieira (1994, p.), afirma que, “a argila, areia e água são atividades que proporcionam brincadeiras não sociais”, diferente dos brinquedos em que há a necessidade de socialização mútua como a boneca, os carrinhos e casinha, que utilizam o uso

do faz de conta e da imaginação. Dessa forma, é fundamental que a criança esteja sempre em contato com esses recursos para que possa desenvolver a sua imaginação, visto que os brinquedos e a brincadeira são fundamentais no desenvolvimento e na formação da criança. Desse modo, concordamos com o autor ao afirmar sobre a necessidade inerente que a criança possui em relação ao jogo:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo (KISHIMOTO, 1994, p. 22).

Sendo assim, tanto a família como a escola deve propor condições favoráveis para que a criança possa desenvolver suas brincadeiras mais significativas no seu processo de desenvolvimento natural. Contudo, devemos salientar que é necessário observar a faixa etária em que cada criança se encontra, para que suas habilidades e capacidades sejam desenvolvidas em cada etapa de seu desenvolvimento sem atropelos positivos ou negativos à sua fase.

Outro aspecto significativo nos brinquedos e brincadeiras é o espaço oferecido para o desenvolvimento desta ação, pois, é nesse espaço que a construção do conhecimento e a sua socialização se dão com mais liberdade e espontaneidade. Por isso, um espaço criado, pensado e preparado para que essas conquistas sejam efetivadas trarão mais segurança e conforto para um grupo de crianças em pleno desenvolvimento. Assim, as brincadeiras livres como correr, jogos com bola, rodas, bambolês, saltar e outros que favorecem seu desenvolvimento físico estão sempre presentes em seus cotidianos.

Entretanto, as brincadeiras dirigidas pelo professor também ajudam a desenvolver a coordenação fina, a criatividade e o raciocínio lógico da criança como: jogo com encaixe, picar papel, colagem, riscar, desenhar livremente trará benefício significativo ao desenvolvimento mental, intelectual e social da criança.

Nesse sentido, concordamos com Oliveira (2010), quando afirma que:

A brincadeira infantil beneficia-se de suportes externos para a sua realização: rituais interativos, objetos e brinquedos, organizados ou não em cenário (casa de bonecas, hospitais, etc.), que contêm não só temas, mas também regras. (OLIVEIRA, 2010, p.235).

Desta forma, a brincadeira é uma atividade que favorece o desenvolvimento cognitivo e social da criança, levando-a a desenvolver habilidades de socialização, expressar seu

pensamento, tomar decisões e construir vínculos afetivos com seus pares. Assim, a autora define a brincadeira como uma necessidade fundamental na vida das crianças, pois, a partir dessa atividade, as crianças interagem com seus iguais e lançam-se ao mundo dos adultos trocando experiências e vivenciando outras culturas.

Portanto, fica evidenciado a importância dos brinquedos e brincadeira no cotidiano da como proposta mediadora no processo de ensino e aprendizagem na família, na escola e em seu entorno educativo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLOGIA

Como estratégias para atingir os objetivos propostos nesse artigo, utilizamos a pesquisa qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa tem como proposta uma melhor aproximação do pesquisador com o seu objeto de pesquisa, a qual nos possibilitou uma releitura acerca do tema abordado.

Demos ênfase à pesquisa qualitativa devido à ligação direta no campo de pesquisa- a creche, optando como método científico o estudo de caso, uma vez que esse tipo de método possibilita um estudo mais detalhado a fim de buscar fundamentos e explicações para a realidade observada.

Utilizamos como método de pesquisa, a observação participante uma vez que estávamos em contato direto com o objeto a ser pesquisado. Outro procedimento utilizado na coleta de dados foi a entrevista com as monitoras da creche e a realização de oficinas com os envolvidos.

Para a construção do referencial teórico, buscamos consultar materiais bibliográficos, disponíveis em formas de livros, artigos, e de consulta em meios eletrônicos. Esses recursos nos auxiliaram em uma melhor compreensão do que estávamos pesquisando.

4. AS VIVÊNCIAS NA CRECHE

Neste capítulo, iremos compartilhar nossas vivências e visitas de observação na Creche nos dias 28 de março e 11 de abril de 2011. Nele, vamos relatar nossas observações, curiosidades, ansiedades, encantos e desencantos no âmbito da creche.

No dia 28 de março de 2011, iniciamos o nosso estágio visitando a Creche Hermelinda Emília Dantas, que está localizada no município de Guarabira no Estado da Paraíba. Ao chegarmos, fomos bem recebidas pela gestora escolar, professoras, crianças e demais funcionários que fazem parte da creche. No entanto, a tensão de estar num ambiente até então desconhecido nos deu a impressão de medo e insegurança, principalmente quando sentimos a sensação de que estávamos incomodando ou invadindo o espaço do outro, pois, de certa forma, o estagiário invade a privacidade do professor ao entrar em sua sala com o propósito de observar, mesmo que essa observação tenha a sua permissão e o objetivo de ajudar e trocar experiência.

Com relação às crianças, na sala que observamos, havia, ao todo, seis crianças, sendo um menino e cinco meninas, numa faixa etária entre dez meses e dois anos. Todos estavam em fase de adaptação por estranhar o ambiente e a falta da família. Por isso, choravam muito. Na nossa chegada, algumas estavam dormindo. Com isto, tivemos a oportunidade de conversar com a professora para conhecer melhor esse novo ambiente. Ela nos contou as dificuldades que enfrenta na realização do seu trabalho. Uma delas é a ausência de recursos pedagógicos, estruturais e de alimentação para as crianças que passam o dia inteiro naquele espaço. Diante do relato da professora, pudemos constatar que a creche não possui um espaço físico adequado para um bom funcionamento das atividades e tampouco recursos lúdicos e atrativos adequados para os alunos, a fim de proporcionar um trabalho condizente com o que indicam os Referenciais Curriculares da Educação Infantil - RECNEI. Com relação à aprendizagem, a professora apesar de mostrar-se muito cuidadosa, carinhosa e atenciosa com as crianças não tinha o hábito de realizar atividades lúdica-pedagógica na sala e tampouco nos momentos da alimentação e do banho, o que seria importante para desenvolver seus aspectos físicos, motor e cognitivo, tão necessários ao seu crescimento e ao seu pleno desenvolvimento.

Observamos o comportamento das crianças e ficamos encantadas por todas elas e percebemos o quanto são carentes de afeto e atenção, pois, demonstravam isso disputando o colo e o carinho da professora. Passadas algumas horas que estávamos na sala, algumas se aproximaram e sentaram em nosso colo. Uma, em especial, chamou-nos a atenção por sua percepção, cuidado e disciplina quando, ao passar por nossa agenda no chão com o lápis em cima, bateu sem querer e derrubou o lápis, sem que ninguém falasse nada, ela, repentinamente, voltou, pegou o lápis e colocou no mesmo local demonstrando seu senso observatório e sensível. A partir da observação do comportamento das crianças, percebemos a

necessidade de planejar para nossa próxima visita, atividades atrativas com objetivo de promover a curiosidade, o raciocínio e a criatividade intrinsecamente presentes nessa fase.

Ao chegar a hora de nossa saída, comprovamos novamente o quanto as crianças se apegaram a nós por se sentirem amadas e acolhidas nos abraçando e algumas até choraram demonstrando toda a sua afetividade. Esse primeiro contato com a creche trouxe-nos alguns questionamentos com relação a nossa atuação como futuros profissionais da educação preocupados com um ensino voltado às necessidades sócio-educativas dos envolvidos no processo de aprendizagem infantil, ou seja, uma ação preocupada em refletir os reais benefícios à criança pequena e não um ato pensado apenas em suprir as necessidades do cuidar e alimentar.

4.1 CONHECENDO O ESPAÇO DA CRECHE – ENTREVISTA

No dia 09 de maio de 2011, retornamos à creche para entrevistas a professora e a diretora, a fim de obtermos informações que facilitassem a compreensão da prática educativa no espaço da creche, tanto no que se refere ao trabalho da professora como na estrutura física da mesma e na forma de seu funcionamento.

Ao entrevistarmos a diretora, ela nos informou que a creche Hermelinda Emília Dantas, era localizada em outro espaço, e por consequência da violência crescente, teve de ser transferida para outro local conhecido como o antigo clube das mães, onde funciona até hoje.

A creche conta com três salas de aula, três banheiros, cozinha, dispensa um refeitório e sala de direção. Nela, trabalham quatro monitoras, todas do sexo feminino, com uma faixa etária de trinta à quarenta anos. No que diz respeito à escolaridade, duas têm o curso superior e duas o ensino médio (magistério).

O número de crianças atendidas totaliza quarenta e cinco crianças, vinte e cinco meninas e vinte meninos, numa faixa etária, de dez meses a três anos, distribuídas em maternalzinho dos dez meses aos dois anos e no maternal com crianças de anos.

Com relação às famílias, a introdução e a permanência das crianças na creche se dá pelo fato da situação econômico-social ser inferior ao desejado, pois, muitas delas contam com o fato de alguns pais serem presidiários e ex-presidiários e muitas mães trabalharem como domésticas e serem responsáveis financeiramente pela família. Talvez, essa seja uma

das causas da não participação delas na rotina da creche, ou seja, não há uma integração entre a creche e a família.

Para o bom funcionamento, há funcionários de apoio, sendo duas merendeiras, duas auxiliares de serviços diversos e uma lavadeira. Todos do sexo feminino. Numa faixa etária de quarenta a cinquenta e nove anos. O grau de escolaridade das mesmas é o ensino fundamental incompleto.

Observamos que a diretora da creche é uma profissional competente e responsável e a mesma está cursando o ensino superior no curso de Pedagogia e do mesmo modo a sua vice diretora.

Para conhecer a prática pedagógica da sala de aula, entrevistamos a professora. A mesma tem 44 anos e trabalha na creche há 18 anos. Seu grau de escolaridade é o ensino médio completo (Magistério). Com relação à formação da professora, ela falou que o curso do magistério quando ela cursou não foi suficiente para ela realizar com segurança seu trabalho, pois, o mesmo prepara professores para trabalhar com crianças do ensino fundamental da primeira fase, não para trabalhar com crianças pequenas.

Suas maiores dificuldades na realização do seu trabalho é a falta de recurso tecnológico e didático, assim como a estrutura física da creche e também a ausência de outra professora para ajudá-la na sala, pois, apesar de haver poucas crianças na sala, a maioria são bebês que necessitam de mais atenção, principalmente nas horas de banho e alimentação. Outra dificuldade citada pela professora, diz respeito à ausência de uma Coordenadora Pedagógica voltada ao universo da creche, pois, apesar de haver planejamento pedagógico as ações planejadas e o olhar do planejamento não estão voltados para a educação infantil, e sim para as séries maiores.

No período de adaptação, as dificuldades aumentam, pois, ela tem que dar mais atenção e por estar sozinha não dispõe de tempo para direcionar atenção igual a todos.

No dia 11 de abril, voltamos para nossa segunda VISITA à creche. Nesse dia, colocamos em prática o que planejamos na observação anterior. Levamos um jogo pedagógico de encaixe, mas como no outro dia, eles ainda dormiam. Após acordarem, distribuimos as peças livremente para que brincassem sem regras, como eram muito pequenas e nunca tiveram acesso a esse tipo de brinquedo, tivemos a oportunidade de intervir mostrando como brincar encaixando as peças. A partir daí, algumas crianças foram nos observando e aos coleguinhas e conseguiram fazer igual, construindo e utilizando o faz de

conta para expressar os seus brinquedos encaixados (carrinhos, aviões, celulares e outros). Nesse segundo encontro, pudemos relacionar com um Componente Curricular “Jogos e Brincadeiras”, pois vivenciamos na prática os conhecimentos teóricos adquiridos neste componente.

4.2 O RELATO DA EXPERIENCIA NA CRECHE: OFICINAS COM A MONITORA

Nos dias 25 de abril, houve a realização de uma oficina pedagógica com as monitoras da creche e as estagiárias da Universidade, com o objetivo de compartilhar as experiências e confeccionar recursos visuais de leitura e elaboração de uma rotina que viesse embasar a vivência diária da criança na creche.

Ao iniciar a oficina, percebemos a insegurança das monitoras, talvez pelo fato de estarem em um ambiente não usual. No decorrer da oficina, pudemos observar que as monitoras já estavam à vontade e participativas nas atividades e até intervindo na rotina proposta pela professora coordenadora da oficina. Durante a oficina, não foi só a monitora que estava sentindo-se retraída, nós também estávamos, pois, de certa forma, a invasão de sentimentos eram mútuas, mas, no bom sentido, é claro, pois, queríamos intervir em sua rotina para melhorar, sentindo-nos os donos da razão. Entretanto, após um longo diálogo com ela, percebemos a necessidade de ouvi-la melhor e entender que a rotina proposta na oficina não serviria à sua realidade, necessitando de uma revisão.

Desse modo, construímos com ela uma proposta de rotina que atendesse às suas necessidades e a de seus alunos. Ao final da oficina, percebemos que a insegurança apresentada por nós e pela monitora transformou-se em um vínculo de troca de experiência e de amizade, desmitificando a visão de que o saber científico é mais relevante que o saber prático do senso comum.

4.3 CONSTRUINDO REFERÊNCIAS: RELATO DAS OFICINAS COM AS CRIANÇAS

Nos dias 23 e 30 de maio, após um levantamento através de entrevista a fim de conhecermos as reais necessidades pedagógicas da sala de aula e das crianças, retornamos à creche para colocar em prática algumas ações que achamos necessárias e que viessem contribuir não só na rotina das crianças e das monitoras, mas que servissem de suporte no processo de aprendizagem significativa das crianças.

No dia 23 de maio, realizamos uma oficina de contação de história, utilizando fantoches da história dos Três Porquinhos. Durante a apresentação, observamos o encanto das crianças, enquanto apresentávamos com os materiais concretos, como os fantoches feito de TNT. Percebemos todo o interesse demonstrado através de da curiosidade em pegar e colocar nas mãos os personagens. Contudo, o que nos ficou claro foi a certeza de que naquele ambiente nenhuma atividade desse tipo foi desenvolvida antes, talvez por falta de recursos didáticos.

Do mesmo modo, no dia 30 de maio, voltamos a creche para desenvolver a segunda oficina com as crianças. Nesse dia, trabalhamos algumas cantigas de roda, a fim de proporcionar um momento de descontração, interação e desenvolvimento de um novo universo vocabular dessas crianças. Ao iniciarmos, fizemos uma roda cantando cantigas populares e várias crianças já sabiam algumas palavras. Ficamos muito alegres por verificarmos que elas interagem conosco e que estávamos contribuindo para o enriquecimento do universo vocabular dessas crianças como também ampliando o gosto pelas cantigas populares.

Assim, compreendemos a grande importância de atividades como essas que contribuam para desenvolver não só os aspectos cognitivos das crianças, mas que desperte o interesse, a curiosidade, a criatividade e o mundo imaginário que está dentro de cada criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir os estudos dessa pesquisa, fica evidenciado que o do brincar faz parte do universo da criança, quer seja o brincar livre e ou direcionado pelo adulto, pois tais ações contribuem para o desenvolvimento, cognitivo, físico e social da criança, além de favorecer a construção de vínculos afetivos e um bom relacionamento com o seu grupo.

A partir desta prática, a criança constrói aprendizados necessários à sua formação enquanto um ser social em pleno desenvolvimento. Desta forma, fica claro que a criança sente a necessidade expressar essa vontade inerente do seu processo e tanto a família como a escola não pode privar a criança de uma atividade tão importante para ela. No entanto, verificamos que no âmbito da creche essa atividade não vem sendo praticada e ou desenvolvida como prevista na LDB 9.394/96.

Enfatizar o brincar durante esse processo, proporcionou a construção de vínculos com crianças que indiretamente nos cederam parte do tempo delas fazendo com que percebêssemos suas necessidades, dificuldades, enriquecendo, dessa forma, o nosso conhecimento acerca dos mais variados assuntos, como a aprendizagem através das brincadeiras, podendo ser utilizada no âmbito do letramento e também na sua forma mais emocionante que é o brincar na sua essência, considerada uma forma de socialização e que se mantém firme em todas as culturas e para todas as crianças, pois, não existe nem fórmulas nem instruções para que ela aconteça.

Pesquisar esse tema “*O prazer de aprender brincando*” durante esse processo de construção conhecimento possibilitou-nos trocar experiências, construir vínculos afetivos com as crianças, monitoras e gestora da escola campo, bem como identificar as necessidades, possíveis dificuldades e aprendizagens vivenciadas no âmbito da creche, a fim de enriquecer o nosso conhecimento sobre a prática do brincar como proposta mediadora no processo de ensino aprendizagem das crianças na faixa etária entre 10 meses e 5anos de idade.

A partir da vivência na creche, pudemos observar o cotidiano dessas crianças e sua forma de expressar suas emoções e sentimentos. No entanto, percebemos que o espaço da creche é ainda um lugar muito carente de acolhimento não só em seu espaço físico, mas também pedagogicamente, visto que as monitoras não contam com o apoio pedagógico e tampouco com recursos didáticos necessários ao desenvolvimento das suas propostas pedagógicas em sala de aula.

No entanto, vivenciar os encantos e desencantos da creche nos levou a refletir sobre a não utilização dos jogos e das brincadeiras nesse universo educativo, tendo em vista a boa qualificação dos monitores, assiduidade, criatividade e desempenho, as propostas à uma educação infantil que atendessem as necessidades da criança em desenvolvimento. Verificamos que a creche não atende pedagogicamente aos interesses dos envolvidos, mesmo possuindo um corpo docente qualificado suas ações evidenciam o “cuidar” sem nenhuma preocupação com as atividades que envolvam jogos e brincadeiras.

REFERENCIAS

BROERING, Adriana. **Quando a Creche e a Universidade se encontram**: Histórias de estágio. In OSTETO Luciana. Educação infantil: Campinas, SP: Papirus, 2008.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

MOYLES, Janet R. **A excelência do Brincar**. Trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____, Janet R. **Só Brincar?** O papel do brincar na educação infantil/. Trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, Nilse Helena da Silva. **Brinquedoteca: Definição, histórico no Brasil e no mundo**. In: FRIEDMANN, Adriana (org.). **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1998.

HOFFMANN, Jussara, **SILVA**, Maria Beatriz G. (org.). **Ação educativa na creche**. Porto Alegre. Mediação, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **BRINQUEDO E BRINCADEIRA- Usos e significações dentro de contextos culturais**. IN SANTOS, Santa M. Pires dos. (org.). **Brinquedoteca o lúdico em diferentes contextos**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. São Paulo. Ática, 2006.

SANTOS, Helena Maria dos. *O estágio curricular na formação de professores*: Diversos olhares. São Paulo, 2001.

PIAGET, J. **Afirmção do símbolo na criança: imitação. Jogo e sonho. Imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

ENTREVISTAS

DIREÇÃO

- 1 – Nome da creche e a história;
- 2 – Estrutura física;
- 3 – Numero de funcionários;
- 4 – Clientela;
- 5 – Número de crianças matriculadas, faixa etária e sexo;
- 6 - Grau de escolaridade dos funcionários;

MONITORA DA SALA

- 1 – Dados pessoais e grau de escolaridade;
- 2 – Encantos, desencantos e dificuldades enquanto monitora de creche;
- 3 – Com relação a transição da gestão, o que mudou?
- 4 – No seu processo de formação você teve aprofundamento nessa área da educação infantil?
- 5 – A creche dispõe de materiais didáticos pedagógicos para trabalhar as especificidades dessas crianças?
- 6 – Sente falta de algo que possa melhorar o seu trabalho?
- 7 – Há planejamento pedagógico? Como você vê essa prática?
- 8 – Como é a sua rotina com essas crianças?
- 9 – Quais suas perspectivas para melhorar o seu trabalho?
- 10 – Como você trabalha o processo de adaptação das crianças novatas?
- 11 – Qual a faixa etária da sua turma?
- 12 – Como se dá relação da creche com as famílias?
- 13 – Qual a sua opinião sobre a alimentação das crianças?

PLANO DE AULA

Conteúdo:

Contos Infantis: Os três porquinhos

Objetivo:

Estimular a imaginação da criança através dos clássicos infantis.

Recursos pedagógicos:

Fantoches

Passo a Passo:

- 1º – Apresentação da história e dos personagens;
- 2º – Contar a história, mostrando cada personagem;
- 3º – Interagir com as crianças durante a história;
- 4º – Moral da história;
- 5º – Pedir para que contem a história.

PLANO DE AULA

Conteúdo:

Brincadeiras Populares: Cantigas de Roda

Objetivo:

Proporcionar momento de socialização do grupo através das cantigas de roda.

Recursos pedagógicos:

Humano e Musicais

Passo a Passo:

- 1º – Forma-se um círculo de mãos dadas;
- 2º – Movimenta-se em círculo cantando algumas musicas;
- 3º – Mostrar os gestos de algumas cantigas;
- 4º – Perguntar quem já conhecia a cantigas e se gostou;